



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

A CONSTRUÇÃO LEXICAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Geane Lopes Francisco Araújo (PPGL. UEMS) ¹

Miguel Eugênio de Almeida (UEMS)

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

Resumo: Este artigo visa abordar a construção lexical do português falado no Brasil, tendo como ponto de partida a chegada dos portugueses à terra brasileira, o período de colonização até a formação da nossa língua. Embasamo-nos, para tanto, numa pesquisa bibliográfica, numa contextualização histórica e linguística, sendo que nesta última abordagem, priorizou-se a língua tupi falada pelos indígenas que já habitavam esse país, a perda de sua identidade linguística, cultural, a submissão aos desbravadores e a imposição de uma nova língua. Esse estudo inicia-se com a língua geral ou brasílica, como inicialmente denominou-se a língua indígena, permeia a história do Brasil e enfatiza a força de uma língua que era proibida, mas que teve grande importância na formação da nossa língua oficial, o português.

Palavras-chave: *Léxico; Tupi; Português; Brasil.*

Abstract: This article aims to approach the lexical construction of the spoken Portuguese in Brazil, having as starting point the arrival of the Portuguese Peoples to the Brazilian land, the settling period until our language formation. We use as a support a bibliographical search, in a historical and linguistic contextualization, being that in this last approach, it was prioritized the tupi language spoken by the aboriginals who already inhabited this country, the loss of its linguistic and cultural identity, the submission to the tamers and the imposition of a new language. This study starts with the general language or brasílica, as initially was called the aboriginal language, permeates Brazil's history and emphasizes the force of a language that was forbidden, but that it had great importance in the formation of our official language, the Portuguese.

Keywords: Lexicon; Tupi; Portuguese; Brazil.

1. Graduada em Letras hab. Português/Inglês, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Docente da Rede Pública de Ensino em Mato Grosso do Sul. Atualmente é aluna regular do Programa e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da UEMS/Campo Grande-MS.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Uma língua em qualquer momento ou época em que está inserida carrega consigo um valor significativo, um signo, um código que só é decifrado pelos seus falantes originários ou pelos que aprenderam a falá-la, sendo que para escrevê-la o ser necessita de decodificar o que o som representa, qual é a letra correspondente, fazer a junção das letras, formarem as sílabas, a palavra, a frase e, portanto, os enunciados em geral, sejam falados ou escritos.

Quando se diz uma palavra, a pessoa que fala ativamente uma língua tem de ser capaz de construir mentalmente o que ela representa e aprender a sua língua naturalmente é parte da construção do “eu” como falante, como ser humano e como sociedade e uma vez que se aprende, tudo se torna mais fácil.

A língua falada oficialmente no Brasil foi trazida pelos portugueses, mas quando se conquista uma terra que já era habitada, como é o caso do nosso país, a imposição de uma língua, de uma cultura, de uma religião é algo dificultoso, pois romper com princípios, verdadeiramente é um processo.

A construção do português falado aqui no Brasil passou por uma longa trajetória, composta por aceitação, desacordos, submissão, enfim, toda língua tem seu percurso e nesta evolução, a lingüística e a história garantem não só o registro, mas a contemporaneidade.

CONTEXTUALIZAÇÃO:

Nosso país, nosso povo já povoava a nossa terra. A cultura já existia e era indígena, e possuíamos uma língua, o tupi. Mas, em 22 de abril de 1500 Pedro Álvares Cabral nos “descobriu”, se esse é o termo certo, visto que as terras encontradas não eram desabitadas, vazias, pelo contrário, havia um povo que aqui vivia os indígenas, verdadeiro brasileiro.

Portugal estava em busca de novas terras, queria ampliar seu domínio, encontrar e especiarias, e como um desbravador, nesse espírito aventureiro, construiu embarcações para navegar em lugares longínquos, aprendeu a arte de navegação e inseriu aqui seu povo, sua língua e em 1532 iniciou-se a colonização, pois pertencíamos a Portugal como se tudo começasse a partir disto.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Este é o princípio de nossa história, ou pelo menos o que história registrou. Os portugueses europeus instalaram-se no Brasil, conviveram com os indígenas e durante esse período como não conseguiam encontrar o que procuravam, as especiarias, pedras preciosas, levaram o pau-brasil para fabricação de tinta. No entanto, como as descobertas eram férteis, resolveram plantar cana-de-açúcar e para esse feito, trouxeram da África os negros para serem responsáveis pela mão-de-obra através do trabalho escravo.

A colonização iniciou-se pelo litoral, pois vinham de embarcação, no entanto, o vasto território exigiu que esse processo fosse dividido em regiões, ocasionando assim a criação das capitanias hereditárias onde havia um donatário responsável pelo povoamento, pois ganhava as terras do rei de Portugal.

O Brasil, inicialmente era formado por três bases de população, o português, o índio e o negro. Como Portugal tomou posse de toda essa terra, a brasileira, queria também impor a sua língua, visto que isto é determinante para um domínio de território.

Para introduzir o português nesse território dominado, os portugueses trouxeram os jesuítas responsáveis pela catequização, torná-los cristãos, visto que possuíam uma cultura religiosa diferente, porém, a pretensão dos portugueses ia muito além da religião e estabelecer um elo lingüístico era apenas mais uma forma de domínio territorial.

Entretanto, toda pessoa que começa a conviver com uma língua diferente da que fala apresenta certa dificuldade em comunicar-se e a população existente que já não era apenas indígena, mas também africana, aprendem o português de forma imperfeita e o tupi que era a língua geral ou brasílica com também foi chamada, passa a sofrer influências do português, enfim, deixa de ser a língua materna, pois já apresentava vestígios da nova língua, portanto, estava gramaticalizado.

Como os dominadores queriam que o português fosse a língua oficial, criaram as escolas, onde as crianças indígenas passaram a aprender a língua portuguesa. Como vimos, a perda da cultura, da língua, enfim, da identidade indígena, não é algo contemporâneo, essa imposição vem de muito tempo atrás, desde a colonização. Padre Antônio Vieira registrou, apud Paul Teyssier, tradução de Celso Cunha (2001, p.95):

“(...) as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola”.



O tupi vai perdendo sua forma original e gradativamente, na segunda metade do século XVIII entra em decadência. Esse processo era esperado, pois todo país que conquista um território impõe também a sua língua, pois o que determina o domínio é a língua. Sendo assim, fica claro que quando os índios deixaram de usar o tupi, percebe-se nitidamente a entrega.

Muitos fatores contribuíram para que o tupi deixasse de ser a língua geral, a começar pela arma chamada “sedução” usada pelos portugueses assim que desembarcaram em terras brasileiras, pois sabemos que no início os índios ficavam deslumbrados com pequenas coisas, pra eles desconhecidas, como espelhos, roupas, conforme afirma Colombo: “(...) os índios, como “bestas idiotas”, trocavam tudo o que tinham por coisas sem valor.” (cienciaamão.usp.br/dados/t2k/_historiadobrasil_histb3.arquivo.pdf)

Este pequeno gesto, esse sentimento, acabou abrindo uma grande porta que posteriormente dominaria o seu modo de expressar, a sua cultura, a “identidade” do verdadeiro brasileiro.

Os portugueses desde o início queriam tomar posse de todas as riquezas existentes aqui, e como haviam encontrado ouro e diamantes, muitos portugueses imigrantes vieram em busca desses metais preciosos.

Com o aumento da população que é formada em maior número pelos portugueses europeus, em 1758, o marquês de Pombal, título superior ao de conde, criou uma espécie de lei “dretória” que proibia o uso da língua geral e obrigava oficialmente o da língua portuguesa, determinação que culminou com a expulsão dos jesuítas em 1759, que baseados em princípios cristãos, pacificamente, queriam proteger a língua materna, o tupi.

Como neste período já viviam dominados, escravizados, pois tanto os negros africanos como os índios tinham que trabalhar ou na lavoura de cana, ou na busca de metais, os verdadeiros donos da terra, passaram a ser apenas mão-de-obra responsável por enriquecer Portugal.

O tupi-guarani já não podia ser falado oficialmente, no entanto, assim como na origem da língua portuguesa falada em outros países, do latim, sabemos que uma língua só é considerada morta quando deixa de existir, de ser falada ou escrita.

Já foi dito que o português passou a influenciar o tupi e seu uso tornou-se proibido, entretanto, isso não resolveu todo o problema, visto que a língua é algo vivo que sofre interferência do

falante e este por sua vez, é a parte ativa da língua e pode não apenas falá-la, mas também provocar variações e até mudanças lingüísticas.

Mesmo com uma lei que proibia o uso do tupi, é impossível que uma pessoa seja impedida de falar a sua língua e que repentinamente passe a falar outra. Verificamos essa abordagem quando Câmara Jr (1972) se refere à substituição do latim pelo português: “(...) é inconcebível, por exemplo, que de súbito, no território lusitânico da Península Ibérica, uma forma latina como lupum pudesse ter passado imediatamente para lobo (...)” (apud Carlos Alberto Faraco, 2005, p.47)

Nesse aspecto vale ressaltar que uma língua é considerada morta extinta quando a própria sociedade que a fala se extingue, mas esse não foi o caso, pois os indígenas, mesmo com tantas mudanças revolucionárias em sua cultura e em suas vidas, continuavam “sobreviventes”.

Sabemos também que quando há duas ou mais línguas em um território, uma delas se sobrepõem à outra, estabelecendo um domínio lingüístico, mas em linguística histórica, os estudos demonstram que essa mudança é lenta, gradual, atinge as partes para depois atingir o todo.

Podemos citar o caso do latim que foi substituído pelo português, porém essa mudança ocorreu gradativamente e esse processo histórico durou vários séculos, até que o português fosse oficialmente a língua da Península Ibérica.

Como os falantes do tupi-guarani compunham a sociedade daquele século (XVII), logicamente era difícil acabar com o tupi e inevitavelmente a língua dos indígenas passou a influenciar a outra, o português.

Com o passar dos anos esse fenômeno passou a ser visível, visto que o português falado no Brasil continha vocábulos que pertenciam à língua tupi ou africana, ou que integravam palavras portuguesas cuja origem era das línguas suprimidas.

Essa língua que era para ser extinta ficou camuflada, mas não extinta, pois não é possível extinguir uma língua, não se pode mudá-la repentinamente, de um dia para o outro. É o que nos afirma Serafim da Silva Neto, apud Carlos Alberto Faraco (2005, p.56-57) acerca das mudanças:

A história de um língua não é um esquema rigorosamente, preestabelecido, não é um problema algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por vários séculos de palpante vida.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Muitos escritores dos séculos XVI, XVII e XVIII escreveram obras, gramáticas acerca do tupi, é o caso do padre Anchieta que escreveu Arte de grammatica da lingoa mais falada na costa do Brasil e que só foi publicada após a sua morte em 1595 e também do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya que 1640 do Sul, Arte y vocaulario de La lengua guarani.

Gregório de Matos, no século XVII escreveu três sonetos direcionados aos Caramurus da Bahia em que o autor satirizou os brasileiros que se diziam descendentes de tupi e utilizou em sua escrita, vocábulos da língua tupi, conforme presenciamos em AOs caramurus da Baía (1930, p.48):Um calção de pindoba, a meia zorra,/Camisa de urucu, mantéu de arara,/Em lugar de cotó, arco e taquara,/Penacho de guarás, em vez de gorra./Furado o beijo, sem temer que morra/O pai, que lho envasou c'uma titara,/Porém a mãe a pedra lhe aplicara/Por reprimir-lhe o sangue que não corra./Alarve sem razão, bruto sem fé,/Sem mais leis que a do gosto, quando erra,/De Paiaia tornou-se abaité./Não sei onde acabou, ou em que guerra:/Só sei que deste Adão de Massapé/Procedem os fidalgos desta terra.

Eis as informações sobre os termos tupis utilizados no soneto acima:

Pindoba: nome genérico da palmeira ou coqueiro, usada pelos índios na cobertura de suas habitações.

Urucu: fruto de cuja polpa se extrai uma tinta avermelhada, com que os índios pintavam o corpo ou peças do vestuário.

Taquara: flexas de cana, de mabu.

Guará: ave conhecida popularmente por flamingo.

Titara: nome de certas palmeiras assim chamadas na Bahia, por jacitara, de cuja casca, se faziam coberturas de cadeiras.

Paiaia: o mesmo que pajé ou piaga.

Abaité: medonho, horrível, gente feia.

Algumas ocorrências da influência lexical do tupi sobre o português do Brasil

A língua indígena infiltrou-se no português, deixando marcas, principalmente em vocábulos que nomeiam acidentes geográficos, como rios, montanhas, cidades, estados, à flora e à fauna brasileira. Eis alguns exemplos de vocábulos e suas origens:

Caju: fruto do cajueiro. Do tupi aka'iu.

Cutia: mamífero roedor da família dos dasiproctídeo. Do tupi aku'ti.

Jurubeba: planta da família das solanáceas. Do tupi iuru'ueua.

Curupira: diabo entre os índios do Brasil, do tupi Kuru'pira.

Tapera: aldeia indígena abandonada, em ruínas. Do tupi ta'pera< taua 'taba + puera' que foi.

Tatu: nome comum aos mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos. Do tupi tatua'para.

Jaú: peixe siluriforme da família dos pimelolídeos. Do tupi ia'u.

Capim: peixe siluriforme da família dos pimelodídeos. Do tupi ia'u.

Maracujá: nome comum a várias plantas da família das passifloráceas e aos seus frutos. Do tupi moruku'ia.

Arara: nome comum a diversas aves de grande porte da família dos psitacídeos. Do tupi a'rara.

Capivara: mamífero roedor da família dos hemulídeos. Do tupi kapii'üara< ka'pii 'capim + 'üara.

Jaboticaba: fruto da jabutucabeira, planta da família das mirtáceas. Do tupi iauoti'kaua.

Araponga: pássaro da família dos cotingídeos. Do tupi üira'pona (üi'ra 'ave' + pona 'sonante')

Mingau: alimento de consistência pastosa, espécie de papa preparada com farinha de mandioca. Do tupi mina'u.

Jacarandá: nome comum a diversas plantas das famílias das leguminosas e das bignoniáceas que fornecem excelente madeira e que fornecem excelente madeira para móveis e outras obras finas de marcenaria. Do tupi iakara'na(iakarana'ta< iakara'na + a'tã).

Peroba: nome de diversas plantas das famílias das apocináceas e das bignoniáceas, que fornecem madeira de boa qualidade. Do tupi ipe'roua (i'pe + roua).

Pitanga: planta da família das mirtáceas, cujo fruto é uma baga avermelhada. Do tupi pi'tana.

Jacaré: nome comum a vários répteis da família dos crocodilídeos. Do tupi iaka're.

Taboca: taquara. Do tupi ta'uoka.

Guabioba: nome comum a diversas plantas da família das mirtáceas. Do tupi üuaue'raua.

Cipó: nome genérico das plantas trepadeiras que pendem das árvores ou nelas se enroscam. Do tupi isi'po.

Mandioca: planta da família das euforbiáceas, raiz tuberosa, comestível, que fornece amido. Do tupi mani'oka.

Jararaca: cobra da família dos crotalídeos. Do tupi iara'raka.

Mutuca: nome comum às moscas da família dos tabanídeos. Do tupi mu'tuka.



EDIÇÃO Nº 12 , SETEMBRO DE 2013

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013

ARTIGO APROVADO ATÉ 20/09/2013

Jenipapo: planta da família das rubiáceas. Do tupi iani'paua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma língua retrata a identidade de uma pessoa, de um povo e mesmo com o passar dos anos, mesmo que a sociedade falante seja extinta, os vestígios, as raízes de uma língua infiltram os mais profundos solos.

A história da construção do nosso país, da nossa nação e da nossa cultura, mostra que a língua possui grande importância nesse processo.

A língua tupi foi proibida, seus falantes foram vitimados pelo trabalho escravo, pelas doenças trazidas pelos brancos e também pela perda de identidade cultural e religiosa, mas sua influência penetrou uma língua que era considerada intocável, soberana e gradualmente integrou-a.

Felizmente os registros lingüísticos fizeram essa história e sabemos que um povo foi extinto, entretanto as marcas lingüísticas, a força do tupi permanece ainda hoje no falar e na escrita do brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 2ª edição, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAUSTO, Boris. **A história do Brasil Colônia**.

Tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item

MATOS, Gregório de. **Obras de G. de Matos**. Ed. De Afrânio Peixoto, Rio, 1930.

SPINA, Segismundo. **História da Língua Portuguesa III**. Segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Editora Ática S.A, 1987.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**/ Paul Teyssier; tradução Celso Cunha. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.